


Entre corpo, rio e cidade: Memórias Cartográficas

 10.64493/INV.22.10

Daniele Rodrigues de Sousa
Universidade de Brasília,
Brasília, Brasil

artigo recebido: 8.03.2026
artigo aceite para publicação: 4.05.2026

This work is licenced under a [Creative Commons BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Sousa, D (2026). Entre corpo, rio e cidade: Memórias cartográficas. *Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes*. <https://doi.org/10.64493/INV.22.10>

Resumo

O presente ensaio parte da experiência vivida em Santarém, no Pará, durante uma viagem realizada em setembro de 2025, organizada pela Universidade de Brasília. O contato com o rio, os ribeirinhos e a comunidade Indígena Munduruku despertaram reflexões sobre as relações entre arte, território e modos de vida. A partir dessa experiência, o texto estabelece conexões com minha pesquisa artística, que investiga a relação entre corpo e casa. São discutidos processos desenvolvidos na disciplina Cartografias Têxteis, assim como o trabalho Cidade de Si 2022, inicialmente composto por 120 pequenas casas de barro produzidas manualmente. Ao longo do ensaio, experiências de viagem, registros visuais e práticas artísticas são compreendidos como cartografias sensíveis, conectando corpo, memória, território e criação.

Palavras-chave: Ensaio visual, cartografias sensíveis, cidade, corpo, arte e território

Résumé

Le présent essai visuel s'inspire d'une expérience vécue à Santarém, dans l'État du Pará au Brésil, pendant un voyage organisé en septembre 2025 par l'Université de Brasília. Le contact avec le fleuve, les ribeirinhos et la communauté indigène Munduruku a suscité des réflexions sur les relations entre l'art, le territoire et les manières de vivre. À partir de cette expérience, le texte établit des liens avec ma recherche artistique, qui explore la relation entre le corps et la maison. Il aborde les processus développés dans la discipline Cartographies Textiles, ainsi que mon travail Cidade de Si 2022, composé de 120 petites maisons en terre cuite fabriquées à la main. Tout au long de ce texte, les expériences de voyage, les enregistrements visuels et les pratiques artistiques sont compris comme des cartographies sensibles, reliant le corps, la mémoire, le territoire et la création.

Mots-clés: Essai visuel, cartographies sensibles, ville, corps, Art et territoire.

“Toda pessoa deveria então falar de suas estradas, de suas encruzilhadas, de seus bancos. Toda pessoa deveria fazer o cadastro de seus campos perdidos. Thomeu afirmava ter o mapa dos campos inscrito em sua alma.”

Gaston Bachelard

Introdução

O presente ensaio parte da experiência vivida em Santarém, no Pará, durante uma viagem realizada em setembro de 2025, organizada pela Universidade de Brasília. O contato com o rio, as comunidades ribeirinhas e com os indígenas Munduruku, despertou reflexões sobre as relações entre arte, território e modos de vida. A experiência no território amazônico evidencia como o espaço vivido se entrelaça à memória e ao corpo, conforme destacado por Bachelard (2014) em sua análise poética do espaço e da experiência sensível.

A partir dessa vivência, o texto estabelece conexões com minha pesquisa artística, que investiga a relação entre corpo e casa. São discutidos processos desenvolvidos na disciplina Cartografias Têxteis Ministrada na Universidade de Brasília na qual pude viver experiências, com bordado, cianotipia, crochê, e visitas a casa de uma estudante para conhecer sobre plantação de baunilha.

A disciplina atravessou minha obra artística, em cerâmica chamada Cidade de Si, composta por 120 pequenas casas de barro produzidas manualmente por mim. Atravessar territórios e registrar experiências em práticas artísticas pode ser compreendido como um ato de geopoética, uma maneira de tecer sentidos do lugar no corpo e na memória.

Experiências de viagem, registros visuais e práticas artísticas são compreendidos como cartografias sensíveis, conectando corpo, memória, território e criação (Tuan, 1977; Relph, 1976). A travessia do rio, o encontro com a floresta e com as comunidades, e a disposição das casas no espaço da pousada tornam-se processos de imersão e construção de sentido, conforme figura 1, reforçando a compreensão de que morar, cuidar e atravessar um lugar é assumir o papel de guardião da vida.



Figura 1. Santarém - Pará, Autoria própria.



Figura 3. Olhar sobre o rio, autoria própria.

Cidade de Si

O projeto *Cidade de Si* começou com a criação de 120 pequenas casas de barro, feitas à mão. Cada casa carrega uma parte de mim; no gesto da mão sobre o barro, estavam memória, identidade e corpo presente.

Essas casas atravessaram experiências e territórios, chegando a Santarém. Leve-as para a exposição da disciplina de Cartografias Têxteis, onde se somaram aos quadrados 10x10cm bordados, apresentados nas árvores e no chão da pousada em que ficamos expandindo minha pesquisa artística e conectando corpo, casa e lugar.

Conforme as imagens a seguir:



Figura 2. Cidade de si, autoria própria

Atravessar o Rio

Ninguém te conta sobre a travessia de um rio; você simplesmente passa por ele, e ele te atravessa.

Na experiência de atravessar, ninguém te avisa o quão turbulento o barco pode ficar, e, no seu pensamento, ali quase a desfalecer, o rio te atrai. Assim como no bordado, em que se cria um caminho enquanto a linha se move, eu também, por dentro, estava no lugar do tecido: tecia em mim um pouco da experiência de atravessar o rio. Até a chegada à comunidade de São Marcos, bordei uma pequena parte do trajeto.

Lembro-me dos rostos, de colocar o colete sobre o pescoço e orar, pedindo para não ir embora desta vez. Estava vivendo a experiência. A coletividade me ajudou a atravessar, e, quando chegamos, a farinha, a conversa, a cestaria encantou e apagou todo medo que havia acendido. A travessia tinha valido a pena, e que bom foi não desistir. Assim pude aprender mais sobre o outro, já não era sobre mim.

“Quando um rio te atravessa, ele atravessa por inteiro.”



Figura 4. O barco, autoria própria.

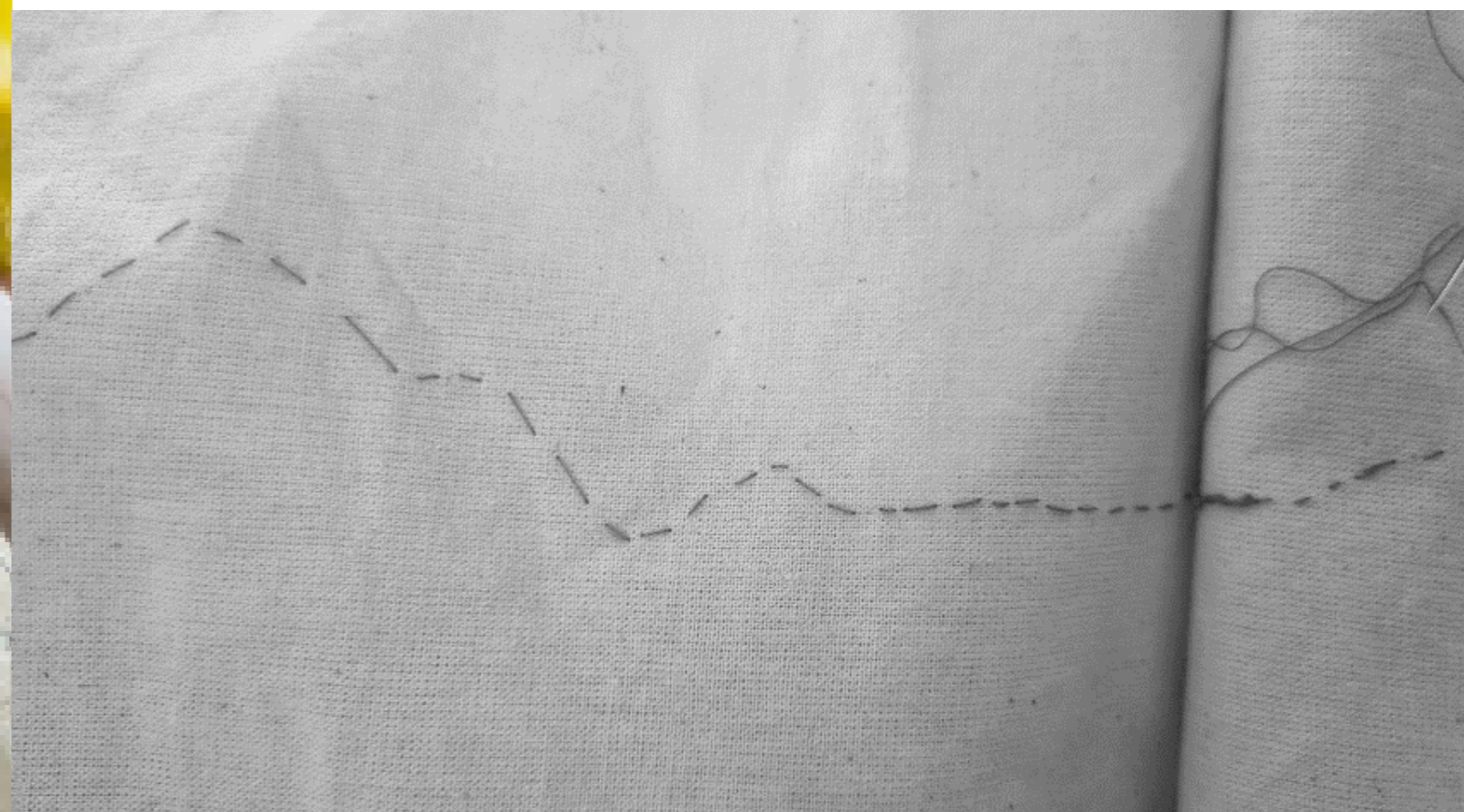


Figura 5. Bordado, autoria própria.

A Flona Tapajós, Pará.

“A poesia do trajeto, nenhuma caminhada é vã, nenhum trajeto é impossível de se caminhar.”

Chegar até o outro lado, encontrar a maior árvore, caminhar em conjunto, observar formigas perfumadas: estar em contato com a natureza. O Pará merece ser respeitado, assim como sua floresta, seus povos, suas tradições e cidades. Histórias são tecidas todos os dias; territórios maltratados, violência que tenta apagar aquilo que jamais deveria ser apagado. A natureza é o que nos mantém vivos. Morar e cuidar desse lugar é assumir o papel de guardião da vida. Cada gesto de cuidado e atenção ao que nos cerca é também um ato de pertencimento e de amor pelo território.



Figura 6, 7, 8. Flona Tapajós, Pará.

A Casa

A casa ultrapassou a materialidade de casa- argila, para casa-cerâmica, depois para casa-areia e, finalmente, em casa-bordado.

Todas essas transformações aconteceram ao longo da travessia de estados. Entre Goiás, Brasília e Pará. A casa já não era a mesma, o material já não era o mesmo; tudo se transformou em lar.

Através dos trajetos criados, dos mapas, das pegadas deixadas no chão, da floresta até a cidade, surge a pergunta: a cidade também não é lar?

Que rios, areia, terra e cerâmica se encontrem, tecendo juntos a memória e a vida de cada espaço, fazendo da cidade e da floresta um lar que pulsa, onde tudo se transforma e tudo se integra.



Figura 9. Casa areia, autoria própria.



Figura 10 e 11. Casa raiz, e casa. Autoria própria, bordado e tecido, Walking Seminar 2025.

“Se quero expressar algo de importância imediata que me toma por completo, faço uma peça inspirada num desejo muito forte de dizê-lo (seja o que for) e faço-a rápido e sem interrupções. Sejam esses trabalhos do tipo figura (ereta) ou do tipo casulo, ambos obedecem a essa lei do imediato, o desejo de afirmar algo, de ser positiva; ou talvez o contrário, de se refugiar em algo” (Bourgeois, 2000, p. 84).

A casa aqui toma lugar do abrigo, através do gesto de bordar, assim como Louise Bourgeois, que sente um desejo intenso de criar. Aqui também me encontro, na luta para transformar cada materialidade em algo único, e o lar sempre entra, como casulo, como abrigo. Esse abrigo se constrói em emaranhados de diferentes materiais, e nessa infusão sigo em frente, traçando mapas, trajetos e cidades.

Considerações finais

Minha vivência em Santarém, no Pará, reverberou profundamente em minha trajetória enquanto futura docente. Ao ministrar minhas aulas, levo aos estudantes um pouco das histórias, gestos e aprendizados desses sete dias. Cada experiência se transformou em memória viva, presente tanto na minha prática artística quanto na forma como penso a educação em artes.

Essa pesquisa vai além da casa; transforma vidas, espaços e ambientes, mostrando como corpo, memória e território se entrelaçam na construção do conhecimento. A caminhada na Flona, a travessia do rio, o encontro com ribeirinhos, a observação do preparo da farinha e os grafismos do povo Munduruku atravessaram minha cartografia humana, moldando a percepção do lugar e de mim mesma.

Caminhar, bordar, observar, criar: todos esses atos se tornam caminhos de aprendizado, cuidado e presença. A arte, nesse sentido, é mapa vivo, tecido sensível que conecta passado, presente e futuro.

Neste ensaio poético, procurei pincelar os trabalhos que desenvolvi ao longo de 2025, até chegar em Santarém, expondo em conjunto bordados de 10x10 cm para o projeto *Walking Seminar*. Cada bordado carrega sua própria história, que se desloca para outros lugares, reverberando as narrativas criadas e ampliando os caminhos de cada criação.



Figura 12. Toca, Autoria própria, bordado e tecido.

Referências

- Bachelard, G., Jolas, M., & Danielewski, M. Z. (2014). *The poetics of space* (Nova ed.). Penguin Books.
- Barría Mancilla, C. A. (2017). Geopoética dos sentidos, a/r/tografia e o patrimonial em chave descolonial: por uma poética do Sul. *Revista POIÉSIS*. <https://doi.org/10.22409/poiesis.v20i34.38312>
- Bourgeois, L. (2000). *Destruição do pai, reconstrução do pai*. São Paulo: Cosac Naify.
- Tuan, Y.-F. (1977). *Space and place: The perspective of experience*. University of Minnesota Press.

Nota: O texto foi revisado quanto à gramática e ao estilo com auxílio de inteligência artificial (IA), mantendo integralmente a autoria e o conteúdo original da autora.